



DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JULHO 2026

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior baiano – Julho 2026, 3

Importações, 7

Apêndice A – Julho 2026

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Julho 2026

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Estado da Bahia
Secretaria do Planejamento

Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Urandi Roberto Paiva Freitas

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Flávio de Jesus Sales

Felipe Soares Sepúlveda (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Perivaldo Barreto Pereira

DESEMPENHO DO COMÉRCIO EXTERIOR BAIANO – JULHO 2026

Sob impacto dos embarques de soja, que terá colheita recorde este ano, e das vendas de ouro, que segue em alta impulsionado por tensões geopolíticas, incertezas econômicas e forte compra por bancos centrais, as exportações baianas atingiram US\$ 1,09 bilhão¹ em julho, alta de 16,1% no comparativo interanual.

As vendas externas no último mês ainda foram beneficiadas pela alta dos preços médios do total dos produtos exportados no mês (+9,8%) e reverteu a queda nos embarques (*quantum*) tanto de junho como do primeiro semestre, com aumento de 5,8% ante igual mês do ano passado.

No acumulado dos sete meses, as exportações do estado somaram US\$ 7,51 bilhões, com crescimento de 15,5%, e importações de US\$ 6,57 bilhões, aumento de 24,2% acima das exportações, o que gerou, ainda assim, um saldo no acumulado de US\$ 943,1 milhões.

No mês de julho, houve aumento das vendas do setor agropecuário em 66,5%, puxado por soja em grão, farelo de soja, algodão e café. O aumento da indústria extrativa alcançou 84,4%, principalmente pelo aumento das receitas das vendas de ouro, escaladas por razões geopolíticas, incertezas fiscais e inflacionárias e a desdolarização estratégica de reservas internacionais, em um cenário de forte aversão ao risco.

Já as vendas da indústria de transformação tiveram queda no mês de 18,0%, fruto da redução em 88,1% dos embarques de derivados de petróleo, de uma produção mais fraca de papel e celulose, por conta das paradas de manutenção e recomposição de estoques, e da desvalorização dos preços dos derivados de cacau, ainda como consequência de uma redução na demanda após um período de preços altos.

As exportações para os Estados Unidos cresceram 39,6% em julho, na comparação com o ano passado, passando de US\$ 58,4 milhões para US\$ 81,5 milhões, ou o equivalente a 7,5% das exportações baianas no mês. Nos sete meses de 2026, houve queda de 7,2%.

O aumento em julho pode ser atribuído a uma antecipação de embarques, dada a quase certeza de que o país estaria sob nova rodada de sobretaxas impostas

pelos EUA, o que de fato ocorreu a partir de 29/07, visto que o comércio com os americanos está muito afetado por tarifas e instabilidade.

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan./jul. 2025/2026**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %
Exportações	6.499.991	7.510.983	15,55
Importações	5.286.377	6.567.852	24,24
Saldo	1.213.613	943.130	-22,29
Corrente de comércio	11.786.368	14.078.835	19,45

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/08/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Obs.: Dados preliminares.

Como era esperado, o governo do presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou, em 23/07/2026, novas tarifas gerais de 10% e 12,5% a 60 parceiros comerciais, incluindo a União Europeia, devido a alegações de fiscalização frouxa das proibições de suposto trabalho forçado. O Brasil entrou na lista dos países que serão tarifados em 12,5%. A medida, adotada justamente quando expira uma tarifa global temporária de 10%, entrou em vigor à 0h01 do dia 24/07.

As novas sobretaxas impostas pelos Estados Unidos a produtos brasileiros colocam o Brasil entre os países com maior nível de restrição para acessar o mercado americano, afetando cerca de 3 mil itens exportados e mais de US\$ 11 bilhões em vendas da indústria e do agronegócio brasileiros. Com isso, as exportações do país para os EUA podem chegar à taxa extra de 37,5%. O governo brasileiro rechaçou mais essa tarifa injustificada, aplicada a um país que tem renda per capita menor que os Estados Unidos e que tem déficit em relação a este país.

Muitos setores estarão sujeitos à dupla taxação de 37,5%, como é o caso, por exemplo, de calçados, máquinas, equipamentos, peças, componentes, confecções, químicos, desde que não sejam farmacêuticos. Ainda segundo o governo federal, uma autoridade brasileira em Washington alertou que a inclusão do Brasil nessa lista cria risco reputacional e comercial ao país.

1 Dados preliminares sujeito a retificação.

O tema pode afetar a percepção sobre cadeias produtivas brasileiras, especialmente em setores com exposição a debates internacionais sobre rastreabilidade, sustentabilidade, conformidade trabalhista e *due diligence* (diligência prévia). Além disso, a medida tem caráter transversal e pode gerar aumento de custo para importadores americanos e perda de competitividade para exportadores brasileiros.

Como compensação aos setores atingidos, o governo reembalou o plano Brasil Soberano e anunciou R\$ 18,5 bilhões em recursos para ajudar empresas afetadas pelo tarifaço.

A Bahia, embora tenha a China como principal parceiro comercial, desde 2012, mantém os Estados Unidos atualmente como quarto maior mercado para suas exportações, tanto em 2025 como no primeiro semestre de 2026, superado por China, Canadá e Singapura, respectivamente. Em 2025, a China respondeu por 28,4% das vendas externas baianas e 25,4% no primeiro semestre de 2026.

Ou seja, em média, vendemos de quatro a cinco vezes mais para a China do que para os EUA. O que diferencia as exportações do mercado americano para o chinês é o seu conteúdo. Ou seja, vendemos mais produtos elaborados (com maior valor agregado) para os EUA do que para a China. Celulose com 32% de participação, químicos com 15%, pneumáticos com 10%, derivados de petróleo com 11,5%, derivados de cacau com 7,7% e ferro ligas com 5,5% respondem por aproximadamente 82% das vendas baianas ao país no primeiro semestre do ano.

O impacto das sanções unilaterais impostas pelo governo americano se estende para além da questão comercial. As vendas para os Estados Unidos representaram 7,1% das exportações baianas em 2025 e 6,2% nos sete primeiros meses de 2026, com recuo de 6,9% em 2025 e queda de 7,2% até julho desse ano, ante o mesmo período de 2024. Mesmo com essa redução, a repercussão da medida do governo americano tem reflexos na atividade econômica, principalmente de produtos industriais, reduzindo mercado, produção, renda e emprego para os setores que exportam para o país norte-americano.

A intensificação de medidas tarifárias adotadas pelos EUA ocorre em um contexto de perda recente de

dinamismo do comércio bilateral com a Bahia e o Brasil. Depois de atingirem o recorde de US\$ 1,17 bilhão em 2021, em plena pandemia, as exportações baianas recuaram para US\$ 821,4 milhões em 2025; e mantiveram trajetória de queda em 2026, na esteira das sobretaxas adotadas pelos EUA.

No que se refere ao período jan./jul. do ano em curso, o impacto das tarifas atinge 47% da pauta, o equivalente a US\$ 215 milhões do total exportado pelo estado ao país no período.

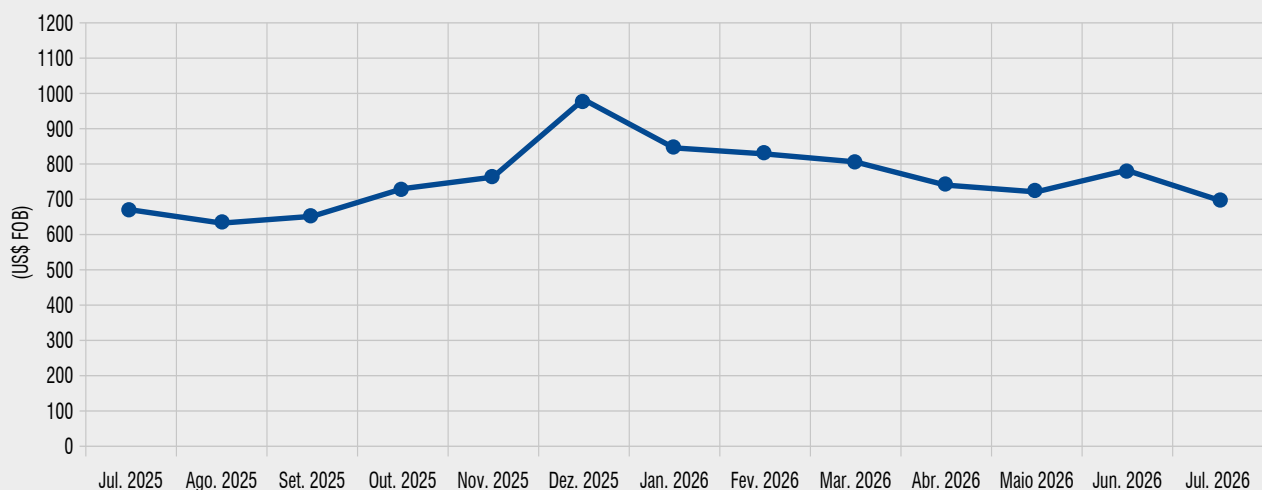
A imposição de uma tarifa de 25%, acrescida de 12,5% já em vigor, totalizando 37,5% sobre diversos produtos, tornará as exportações baianas significativamente menos competitivas no mercado norte-americano, podendo levar a uma redução no volume exportado e, conseqüentemente, na produção, nível de atividade, empregos e geração de renda.

No que diz respeito aos interesses da Bahia, as negociações com o governo dos EUA devem priorizar a retirada da tarifa adicional aplicada à celulose de alta pureza, aos pneumáticos e aos produtos químicos, que possuem uma cadeia produtiva mais bem estruturada e com maior peso na produção industrial do estado, bem como, maior geração de empregos. Conforme sinalizado pelo governo federal, é importante que todos os segmentos atingidos pelas tarifas sejam contemplados com medidas de apoio, principalmente os pequenos e médios exportadores, não deixando de lado o engajamento em iniciativas que busquem priorizar a busca por outros mercados.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em julho oscilaram negativamente em relação a junho, com queda de 10,6%. Já quando comparados ao mesmo mês de 2025, houve alta de 4,3%.

Esse aumento nos preços internacionais foi resultado do forte aumento tanto dos derivados de petróleo como dos minerais, principalmente dos minérios de cobre e níquel.

O mercado de metais básicos teve uma primeira metade de ano volátil, com preços oscilando sob influência do conflito no Oriente Médio e incertezas regulatórias na Indonésia, maior produtora de níquel e importante fornecedora de cobre.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Jul. 2025/2026

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 18 maio 2026.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Já os preços do petróleo têm subido diariamente durante o mês de julho e chegaram a ficar, no mês, acima de US\$ 90 pela primeira vez desde 11 de junho. Participantes do mercado voltam a emitir alertas sobre um aumento

dos riscos em torno de um petróleo ainda mais caro se a guerra continuar e já observam uma piora bem mais aguda nos derivados da *commodity* desde que o Estreito de Ormuz foi fechado novamente.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan./jul. 2025/2026

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2025	2026		2025	2026			
Soja e Derivados	3.545.869	4.367.006	23,16	1.361.371	1.784.144	31,05	23,75	6,41
Petróleo e Derivados	2.422.922	2.263.729	-6,57	1.230.129	1.536.275	24,89	20,45	33,67
Metais Preciosos	362	527	45,43	546.706	803.305	46,94	10,70	1,04
Papel e Celulose	1.853.811	1.679.449	-9,41	816.482	757.923	-7,17	10,09	2,47
Minerais	562.128	398.727	-29,07	368.798	541.507	46,83	7,21	107,00
Algodão e Seus Subprodutos	270.548	328.878	21,56	432.834	502.204	16,03	6,69	-4,55
Químicos e Petroquímicos	327.630	364.967	11,40	411.011	479.762	16,73	6,39	4,79
Café e Especiarias	57.490	44.413	-22,75	347.050	234.036	-32,56	3,12	-12,71
Cacau e Derivados	29.704	28.949	-2,54	349.472	225.393	-35,50	3,00	-33,82
Metalúrgicos	105.056	104.541	-0,49	134.670	157.434	16,90	2,10	17,48
Frutas e Suas Preparações	89.329	94.507	5,80	108.111	116.031	7,33	1,54	1,45
Borracha e Suas Obras	18.833	18.431	-2,13	106.334	102.824	-3,30	1,37	-1,19
Sisal e Derivados	40.664	36.629	-9,92	54.374	53.274	-2,02	0,71	8,77
Calçados e Suas Partes	1.509	1.063	-29,57	48.137	33.096	-31,25	0,44	-2,38
Carne e Miudezas Comestíveis	5.551	6.768	21,92	22.137	30.690	38,64	0,41	13,71
Couros e Peles	17.983	21.667	20,48	28.837	29.476	2,22	0,39	-15,16
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	1.010	2.127	110,51	16.029	24.049	50,04	0,32	-28,72
Fumo e Derivados	604	761	25,99	18.159	18.900	4,08	0,25	-17,39
Milho e Derivados	92.833	1.808	-98,05	19.853	383	-98,07	0,01	-0,93
Demais Segmentos	71.388	92.905	30,14	79.496	80.275	0,98	1,07	-22,41
Total	9.515.226	9.857.851	3,60	6.499.991	7.510.983	15,55	100,00	11,54

Fonte: MDIC/SECEx, dados coletados em 06/08/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.

Principal cultivo agrícola do estado e principal segmento de exportação, a soja deve apresentar mais um ciclo de alta, com aumento da produção – crescimento de 6,9% em relação à temporada anterior –, alcançando um total de 9,45 milhões de toneladas nessa temporada. As exportações do segmento até julho atingiram US\$ 1,78 bilhão, com alta de 31% no comparativo interanual, com incremento de 23,2% no volume exportado (4,37 milhões de toneladas); enquanto os preços médios no comparativo com o mesmo período do ano passado avançaram 6,4%.

As exportações de papel e celulose alcançaram US\$ 757,9 milhões até julho, com queda tanto em valor (-7,2%) quanto em volume (-9,4%). Depois de um segundo trimestre marcado pelo impacto negativo da valorização do real, da alta de custos puxada pelo conflito no Oriente Médio e da concentração de paradas programadas para manutenção nos resultados, o setor espera um segundo semestre mais favorável para o negócio de celulose, sustentado por demanda sazonalmente mais forte.

Em julho, o segmento químico/petroquímico teve exportações de US\$ 74 milhões, fruto de aumento nos embarques em 19,4%, já que o preço médio recuou 3,6% ante igual mês de 2025.

Durou pouco o alívio produzido pela guerra no Irã às margens de produtos químicos e petroquímicos ao redor do mundo, que vinham comprimidas, desde 2023, por causa do excesso de oferta global que deu origem ao mais agudo e prolongado ciclo de baixa da indústria globalmente.

Contrariando a expectativa do setor, os *spreads* – diferença entre custo da matéria-prima e cotação do produto obtido – cederam com força em julho e reacenderam o sinal vermelho na indústria brasileira.

Os preços das principais resinas voltaram aos níveis vistos antes do conflito no Oriente Médio, iniciado em 28 de fevereiro. Demanda mais fraca no mercado internacional e a competição com produtos chineses – que havia arrefecido em meio à guerra – voltaram a ditar a dinâmica dos preços internacionais.

Esse cenário afeta a todos os grandes grupos industriais, não apenas na Bahia. Embora os americanos saiam na frente com a vantagem do custo do gás natural quase cinco vezes menor do que o registrado no

país, petroquímicas dos EUA e da Europa também sentiram o baque.

Cresceu a percepção, a longo dos sete primeiros meses de 2026, de que a oferta global de café e de cacau e derivados está em alta, o que provocou uma forte queda dos preços das duas *commodities* entre janeiro e julho na bolsa de Nova York. No mercado de grãos, a guerra no Oriente Médio trouxe volatilidade para o mercado no período. O preço médio das vendas de café caiu 16,3% no acumulado até julho, com vendas que chegaram a US\$ 181,9 milhões, com recuo de 33,3% ante igual período.

O preço médio do setor de cacau e derivados também despencou nos sete primeiros meses de 2026, no comparativo interanual, com baixa de 33,8%. Desde o início do ano, circulam relatos de aumento da produção na Costa do Marfim, principal produtor global da amêndoa. Com maior disponibilidade, os volumes de cacau entregues nos portos marfinenses já são 18% maiores nesta safra 2025/2026, e somam 1,9 milhão de toneladas.

Porém, com a formação do El Niño nas últimas semanas e os receios sobre seu impacto para a safra 2026/2027, o preço médio do cacau deverá subir a curto prazo.

No mercado de algodão, o preço médio no mês de julho subiu 6,2%, impulsionado pela alta do petróleo, que eleva a competição por tecidos naturais em relação aos sintéticos. Os preços também foram influenciados pela seca severa em lavouras dos EUA.

Na Bahia, segundo maior produtor nacional, o algodão (caroço e pluma) tem produção estimada em 1,84 milhão de toneladas, o que representa aumento de 2,8% em relação ao ano de 2025, graças às condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das lavouras.

As exportações do segmento até julho alcançaram US\$ 502,2 milhões, 16% acima do mesmo período do ano passado, muito por conta do aumento dos embarques em 21,6%.

O setor calçadista, atingido em cheio pelo tarifaço dos EUA, teve uma queda de 31,2% nas vendas até julho (US\$ 33,1 milhões) e também uma redução nos embarques de 29,6% no período. O resultado desfavorável para a indústria baiana é uma provável combinação da retração nas vendas aos mercados americano e

argentino, que são os dois principais destinos das vendas externas de calçados baianos, e do aumento da entrada de sapatos de menor preço vindos do Vietnã, Indonésia, China e EUA, principais fornecedores e concorrentes do setor na Bahia.

Entre janeiro e julho deste ano, a Bahia importou do Vietnã US\$ 17,3 milhões em calçados – aumento de 41,7% nos desembolsos e incremento de 28,6% em volume com relação ao mesmo período de 2025. Indonésia e EUA, por sua vez, aumentaram em 83,3% e 295%, respectivamente, suas receitas com exportações de calçados para a Bahia.

Paralelamente, a Bahia perdeu 44,3% em receita de exportações para a Argentina, manteve leve crescimento para os EUA (1,9%), que se mantidas as sobretaxas, devem recuar no curto prazo, haja vista a queda de 40% observada nas vendas do setor para o país norte-americano no mês de julho.

IMPORTAÇÕES

As importações subiram 9,7% em julho ante o mesmo mês de 2025, com aumento em todas as categorias de uso. Houve crescimento de 7,4% em *Bens intermediários*, que somou US\$ 492,6 milhões; alta de 38,4% em *Bens de capital*, que chegou a US\$ 83 milhões; alta de 3,9% em *Combustíveis*, a US\$ 221,1 milhões; e, por fim, crescimento de 38,1% em *Bens de consumo*, que alcançou US\$ 28,4 milhões.

Os dados de julho mostram que o ritmo das importações deve depender cada vez menos apenas do cenário internacional e cada vez mais do ritmo de acomodação da atividade econômica doméstica.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan./jul. 2025/2026 (Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2025	2026	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	3.424.753	3.158.617	-7,77	48,09
Bens de Consumo (BC)	1.275.437	1.425.059	11,73	21,70
Combustíveis e Lubrificantes	106.699	1.388.768	-	21,14
Bens de Capital (BK)	475.133	593.450	24,90	9,04
Bens Não Especificados Anteriormente	4.354	1.959	-55,01	0,03
Total	5.286.377	6.567.852	24,24	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/08/2026, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
Obs.: Dados preliminares.

Em julho, o crescimento das importações baianas deixou de estar mais restrito aos veículos e passou a incorporar bens de maior valor agregado, como equipamentos de tecnologia, máquinas e equipamentos elétricos/mecânicos, fertilizantes, combustíveis e insumos industriais. Essa mudança sugere que o crescimento das importações já não pode ser explicado apenas por fatores pontuais ou recomposição de estoques. Os dados passam a refletir uma demanda doméstica que permanece resistente, mesmo em um ambiente de política monetária ainda restritiva.

A China se tornou, em 2026 (até julho), pela primeira vez, o principal fornecedor de produtos para a Bahia, com vendas de US\$ 2,3 bilhões, com crescimento de 205,6% no comparativo interanual, o que representou 35,4% das importações totais do estado no ano. Isso se deve à compra de veículos eletrificados ou convencionais, além de máquinas e aparelhos mecânicos/elétricos, fertilizantes, células fotovoltaicas, robôs industriais, dentre outros produtos e insumos industriais e bens de consumo final.

O movimento é liderado pelos carros eletrificados, cuja importação somou US\$ 1,3 bilhão nos primeiros sete meses do ano, o que elevou em mais de 1.200% a aquisição de bens de consumo no período. Esse movimento se intensificou com a instalação da BYD no estado e a decisão do governo federal em conceder isenção temporária do imposto de importação para veículos elétricos desmontados em 31 de janeiro deste ano, além da desaceleração da demanda chinesa, o que tem obrigado as montadoras a expandirem, agressivamente, seus mercados.

